

Robert Vannoy, História do Antigo Testamento, Aula 18
Relação da Arqueologia com a História Bíblica

4. A relação da arqueologia com a história bíblica

Chegamos a uma nova seção esta tarde, o numeral romano IV, “A Relação da Arqueologia com a História Bíblica”. Eu inseri esta seção entre nossa discussão sobre Gênesis 11 e nossa discussão sobre Gênesis 12 e seguintes, porque quando você chega a Gênesis 12 com Abraão, você está no período em que a arqueologia tem influência no material bíblico. Antes da época de Abraão, você estava realmente naquele período em que não havia dados históricos bíblicos extras que se relacionassem com os dados bíblicos. Então acho que neste momento é bom refletir um pouco sobre a arqueologia e alguns de seus métodos, benefícios e usos.

A. Um Levantamento Geral da Arqueologia Bíblica, Sua História e Métodos

B. O papel da arqueologia na avaliação das declarações históricas da Bíblia

Você está lendo o livro do Dr. Allan McRae e, de fato, no numeral romano IV A maiúsculo é “Uma Pesquisa Geral de Arqueologia Bíblica, sua História e Métodos”. Não vou fazer isso na aula. Deixo isso para você ler o livreto McRae para preencher pelo menos um breve resumo da história e dos métodos da pesquisa arqueológica. O que quero tratar é B, “O papel da arqueologia na avaliação das declarações históricas da Bíblia”, porque acho importante lidar com a metodologia. Como lidamos com a arqueologia? Qual a sua função em relação aos nossos estudos bíblicos? Começarei com B, “O papel da arqueologia na avaliação das declarações históricas da Bíblia”. Certamente a arqueologia fez muito para aumentar a nossa compreensão da Bíblia. Não creio que haja qualquer dúvida sobre isso. Sabemos muito mais sobre os tempos bíblicos hoje do que há cem anos atrás devido aos resultados da investigação arqueológica, mas penso que é importante colocar o papel da investigação arqueológica nos estudos bíblicos numa perspectiva adequada. O que quero dizer com isso é: o que a arqueologia pode e não pode fazer? Acho que às vezes se dá demasiada importância à arqueologia. É

importante e não quero minimizar isso, mas por vezes tem sido dada demasiada importância à arqueologia e isso é feito a partir de duas perspectivas radicalmente diferentes.

Você descobrirá que muitas vezes estudiosos críticos, que não têm uma visão da confiabilidade histórica das Escrituras, usarão a arqueologia para sugerir que declarações nos textos bíblicos que não são confirmadas por achados arqueológicos são suspeitas e, em alguns casos, diz-se que descobertas arqueológicas provaram que a Bíblia é imprecisa e que o que está registrado lá não aconteceu de fato. Isso está num lado da moeda da abordagem crítica, onde eles consideram uma declaração suspeita ou dizem que há imprecisões históricas devido às descobertas da pesquisa arqueológica.

Por outro lado, temos estudiosos conservadores que utilizaram pesquisas arqueológicas como prova da exatidão da Bíblia. Existem vários manuais que sugerem que a arqueologia provou que a Bíblia é verdadeira. Em alguns casos, penso que as evidências arqueológicas corroboraram e fundamentaram declarações bíblicas. Há também casos, contudo, em que estudiosos conservadores afirmam que a arqueologia nos mostrou que a Bíblia é verdadeira, quando mais tarde se descobriu que esta interpretação específica dos dados arqueológicos foi modificada, alterada ou invertida. O uso que lhe foi dado já não se aplica porque a interpretação dos dados era algo possivelmente questionável ou mais tarde, com mais provas, os dados foram reinterpretados ou revistos.

Portanto, penso que é importante não elevarmos a investigação arqueológica a uma posição em que os “resultados científicos” dominem as Escrituras de uma forma injustificada, especialmente na interpretação das Escrituras. Os achados arqueológicos nem sempre dão a última palavra em questões de interpretação histórica e penso que há um equívoco nisso. Muitas vezes as pessoas perguntam: “isso realmente aconteceu ou não?” Então proponha: “Vamos ao arqueólogo, vamos deixar o arqueólogo nos dizer a resposta”.

É importante perceber em muitos casos, não em todos os casos, mas em muitos casos os arqueólogos não falam com unanimidade nas suas próprias conclusões. Por

outras palavras, um arqueólogo dirá, com respeito à interpretação de certas descobertas, que é isso que significa e outro arqueólogo dirá outra coisa. Não há unanimidade em muitos casos de interpretação de dados pelos próprios arqueólogos. Portanto, não é como se de alguma forma unificada a arqueologia nos dissesse alguma coisa. É mais complexo do que isso. Sendo esse o caso, penso que precisamos desenvolver uma compreensão de como a arqueologia pode funcionar como uma ajuda nos estudos e na interpretação bíblica. Pode realmente ser útil, mas precisamos de compreender como o pode fazer sem esperar muito dele, por um lado, ou minimizar a sua importância, por outro. Você pode ir em ambas as direções com isso. O que você precisa é de um equilíbrio crítico de compreensão de como os dados arqueológicos podem funcionar na interpretação bíblica. Precisamos ter cuidado ao tirar conclusões dos achados arqueológicos no que se refere às Escrituras.

Agora, em vista disso, quero chamar sua atenção para duas coisas que estão postadas como 1. e 2 em sua folha de esboço. Acho que há dois princípios aqui que nos ajudam muito a obter a perspectiva correta. Eu acho que isso é muito importante. Uma delas é que a evidência arqueológica é necessariamente de natureza muito fragmentária. Apenas pelo caráter do que é, nunca estará completo. É muito fragmentário. Em segundo lugar, a interpretação das evidências arqueológicas, em muitos casos, é apenas provisória.

1. A evidência arqueológica é necessariamente muito fragmentária por natureza

Então, vamos olhar para essas duas coisas. Primeiro, “A evidência arqueológica é necessariamente muito fragmentária por natureza”. Justamente devido à natureza da disciplina em si, podemos ter a certeza de que só teremos disponível uma fração da evidência que desejaríamos ter à nossa disposição sobre qualquer questão no que diz respeito à evidência arqueológica. Esse princípio é importante por causa do que mencionei anteriormente. Há quem conclua que uma afirmação bíblica é suspeita se não for confirmada por dados arqueológicos. Agora, se a natureza é inerentemente

fragmentária, então não deveríamos exigir tais confirmações. Daí a ideia de que algo é suspeito porque não temos provas ou provas de que seja inválido.

Agora na sua bibliografia, página 12, as três primeiras entradas são alguns artigos e livros de Edwin Yamauchi, que é professor de história na Universidade de Miami, em Ohio. Ele é um historiador evangélico muito interessado na arqueologia do antigo Oriente Próximo. Em seu artigo “A Pedra, os Scripts e os Estudiosos”, bem como no capítulo quatro do próximo livro *As Pedras e as Escrituras*. E no artigo sobre “Elementos Suspeitos de Confirmação Arqueológica nas Tradições Clássicas e Bíblicas”, ele desenvolve uma linha de raciocínio que quero usar aqui em nossa própria discussão e que é basicamente esta, a natureza fragmentária da evidência arqueológica. Ele aponta o seguinte: apenas uma fração do que é feito ou escrito sobrevive. Agora, isso pode ser ilustrado de várias maneiras. Materiais perecíveis, como o papiro, que em muitos casos era usado no mundo antigo para escrever, simplesmente se desintegraram e desapareceram. Não é durável. Portanto, as inscrições em muitos casos não sobreviveram. É razoável esperar que os reis de Israel e Judá ergueram estelas de pedra com inscrições semelhantes às dos reis de Moabe. Temos a pedra moabita. Mas o rei Mesa, de Moabe, tinha uma inscrição em pedra que foi encontrada. Temos cópias dessa pedra no Louvre, em Paris. Portanto, é razoável esperar que os reis israelitas tenham feito inscrições semelhantes, mas nenhuma delas foi encontrada. Se os fizeram, ainda não foram descobertos ou podem ter sido destruídos e desaparecidos com o tempo. Há apenas um fragmento de uma estela israelita contendo uma única palavra, apenas um pequeno pedaço com uma palavra que já foi encontrado.

Outro exemplo é que havia centenas de sinagogas na Palestina na era do Novo Testamento, mas apenas uma sinagoga anterior a 70 DC foi descoberta, a de Cafarnaum, as restantes, que temos certeza de que eram muitas, não foram descobertas. Agora há muitas ilustrações desse tipo de coisa, mas apenas uma fração do que é feito ou do que foi escrito sobrevive.

Parte da razão pela qual você não encontra restos de edifícios como sinagogas é porque era prática comum as pessoas no mundo antigo pegarem os materiais de um

edifício antigo e usá-los para construir um novo edifício, de modo que a fonte de construção o material vem de edifícios anteriores e eles são simplesmente recolhidos e removidos e colocados em outro lugar e não há vestígios do edifício original. Então você tem todas as forças naturais de erosão, decadência e todo esse tipo de coisa que também faz seu trabalho destrutivo. Portanto, apenas uma fração do que é feito e do que está escrito sobrevive.

2. Fração de sites foi pesquisada e identificada

Em segundo lugar, apenas uma fração dos sítios disponíveis em Canã ou na Terra Santa foi pesquisada, o que significa que foram identificados como sítios arqueológicos. Em 1944, o Diário da Palestina listou um total de cerca de 3.000 sítios na área a oeste do Jordão e várias centenas na Transjordânia, de modo que em 1944 havia cerca de 3.000 sítios arqueológicos identificados. Em 1963, o total de locais conhecidos aumentou para cerca de 5.000, em grande parte por causa das pesquisas de Nelson Glueck, acho que você leu sobre ele em McRae que foi em 1963, em 1966 e 1967, houve algumas pesquisas feitas no Negev, que fica no sul, que apareceu cerca de 200 novos sites. Depois, em 1967/68, foram realizadas pesquisas nas Colinas de Golã após a captura desse território e alguns locais adicionais foram encontrados lá. Moshi Kakabi, diretor dessa pesquisa, disse: “nossa pesquisa na Judéia pesquisou cerca de 1.200 locais, dos quais cerca de 20 a 30 por cento são novos locais não registrados anteriormente. Eu estimo que não mais de um terço da quantidade de locais possíveis foram registrados e uma pesquisa completa é uma questão de muitos anos, incluindo as partes ainda não pesquisadas de Israel antes da guerra.” Então você pode ver que é um número enorme de sítios, certamente mais de 3.000 sítios arqueológicos identificados na Palestina.

3. Apenas uma fração dos locais pesquisados foi escavada

3. Apenas uma fração dos locais pesquisados foi escavada. Em 1963, Paul Lapp estimou que de 5.000 sítios na Palestina houve escavações científicas feitas em cerca de

150 sítios. Veja, é aí que você começa a entrar nos números e pode facilmente ter a ideia de que há uma enorme quantidade de trabalho arqueológico sendo feito e existe, mas comparado ao potencial, é apenas uma pequena fração. Você vê de 5.000 locais, 150 locais foram escavados. Dos 150, apenas 26 são escavações de grande porte onde foram realmente feitos um trabalho minucioso e mesmo nesses casos não é 100%. Em outras palavras, houve apenas 26 grandes escavações. Agora, Lapp diz ter certeza de que muitos dos locais registrados não mereceriam escavações extensas, mas se apenas um em cada quatro fosse promissor, grandes escavações teriam sido realizadas até agora em apenas 2% dos locais potenciais. Então você vê que apenas uma fração do que foi feito ou escrito sobreviveu, uma fração dos locais disponíveis foi pesquisada e apenas uma fração dos locais pesquisados foi escavada.

4. Uma fração de qualquer local escavado foi realmente examinada

Agora, com poucas exceções, apenas uma fração de qualquer local escavado foi realmente examinada. Há exceções a isso, é claro. Você tem locais pequenos e de curta duração, como a comunidade de Qumran, que fica em uma área relativamente pequena e não foi habitada por um longo período de tempo. Isso foi completamente escavado e você tem o local de Massada, a oeste do Mar Morto, onde os judeus resistiram aos romanos por volta de 73 DC. Teve vida curta e foi pequeno e foi praticamente completamente escavado. Mas na maioria das vezes, quando você escava um local, você não escava completamente o local inteiro. Assim, com poucas exceções, apenas uma fração de qualquer local escavado foi realmente examinada.

Agora, algumas das exceções além dos pequenos sítios de curta duração são Megiddo, por exemplo, que nos anos entre 1925 e 1934 foi escavado pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago. A ideia daquela escavação, que foi uma grande escavação, era pegar o local de Megido, um local de tamanho bastante bom, e percorrer completamente todo o monte ou “tel”, como são chamados, camada por camada. Eles tiveram sucesso na remoção dos quatro estratos superiores do monte, mas isso acabou sendo abandonado porque é uma tarefa enorme fazer algo assim e algo nessa escala não

foi tentado desde então. Mas isso significa que qualquer escavação quase certamente perderá descobertas importantes, porque o que eles farão é selecionar uma seção onde pensam que talvez haja um portão para a cidade aqui ou um edifício importante ali e cavarão naquele local. Eles podem estar certos e errados e estão fadados a perder coisas.

Yamauchi ressalta em seu artigo que mesmo em uma escavação cara como Megido, é embaraçoso relatar que um texto cuneiforme do épico de Gilgamesh foi encontrado por pastores nos escombros descartados das escavações de Megido. Você sabe que é incrível porque as técnicas de escavação são feitas com muito cuidado. A questão é que, se você pegar uma tábuas de argila com marcas cuneiformes, que está enterrada na lama, é muito difícil distinguir aquela tábuas de argila de um pedaço de terra ou de uma pedra. Provavelmente o que aconteceu lá foi que eles estavam desenterrando o material e ele foi esquecido e colocado em uma pilha, então a chuva veio e lavou um pouco da lama e sujeira e então você pôde ver o que era. Mas, de qualquer forma, um texto muito importante, mesmo num local cuidadosamente escavado, foi perdido e encontrado nos escombros. Então é esse tipo de situação.

Hazor

John Garstang, que escavou vários lugares na Palestina, concluiu a partir de seu trabalho em Hazor em 1928 que o local não era uma cidade importante nos séculos 13 e 14 aC porque ele não encontrou nenhuma cerâmica micênica I, que é um certo tipo de cerâmica. Se tivesse sido ocupada durante os séculos 13 a 14 aC, deveria haver cerâmica micênica ali. O livro de Josué diz que quando os israelitas chegaram sob a liderança de Josué e foram para o norte e lutaram em Hazor, eles destruíram a cidade. Era a maior cidade do norte. Foi ocupado durante o tempo de Josué. Garstang não encontrou nenhuma cerâmica micênica, então disse que não era uma cidade importante naquela época. Eles freqüentemente usam cerâmica para datar níveis e artefatos.

Bem, em tempos mais recentes, o local foi escavado novamente ou escavado ainda mais, e Yadin, o arqueólogo israelense, encontrou pisos repletos de cerâmica micênica. Então você vê, ao tirar a conclusão da primeira vez, porque ele não encontrou

algo, foi invalidado, porque mais tarde descobriu-se que exatamente aquilo que ele não havia encontrado ainda estava lá. Mais tarde, Yadin encontrou muita cerâmica micênica. Agora Hazor é um local muito grande no que diz respeito aos locais cananeus. Há uma cidade alta e uma cidade baixa. A cidade alta tem cerca de 30 acres e a cidade baixa cerca de 175 acres. Você está falando de um local de cerca de 200 acres, que no que diz respeito às cidades hoje, não é uma cidade muito grande, mas se você quiser escavar algo assim, será um grande trabalho. Yadin trabalhou com mais de 30 arqueólogos, tinha uma grande equipe e uma equipe de cem ou mais trabalhadores. Ele conseguiu limpar 1/400 do local em quatro temporadas. Isso é 1/16 de centena por temporada de 1955-1958 e ele sugeriu que seriam necessários 800 anos de cerca de quatro a cinco meses de trabalho. O trabalho geralmente é feito no verão para limpar todo o local. Então, obviamente, isso não será feito, ou é altamente improvável que algum dia seja feito. Basta projetar esse tipo de problema em sites maiores. Se você for para a Babilônia, que cobre 2.500 acres em vez de 200, Nínive cobre 1.850 acres. Portanto, na estimativa de Yadin para Hazor, seriam necessários cerca de 8.000 anos para escavar a Babilônia de forma completa.

5. Apenas uma fração dos materiais e especialmente as inscrições produzidas por uma escavação foram publicadas

Quinto, “Apenas uma fração dos materiais e especialmente as inscrições produzidas por uma escavação foram publicadas”. Devido à escassez de pessoas com formação para decifrar e traduzir estas línguas e publicar, os textos que são escritos em cuneiforme numa variedade de escritas e línguas diferentes. Há um grande lapso de tempo entre a descoberta do texto e sua publicação. Uma lista de reis da Babilônia adquirida em 1880 pelo museu britânico foi publicada em 1954, então você vai de 1880 a 1954 e houve um intervalo de cerca de 75 anos entre o momento em que os artefatos foram realmente desenterrados e o momento em que foram publicados. O código legal Lipit Ishtar foi escavado pela Universidade da Pensilvânia no final do século XVIII e ficou nas prateleiras do museu universitário da Filadélfia até que Francis R. Steel

reconheceu o significado desta tabuinha em 1947 e publicou este código legal. Francis R. Steel é um estudioso evangélico. Ele foi curador ou curador assistente no museu universitário na década de 1950 e posteriormente o deixou e acho que foi diretor das missões do Norte da África e acho que recentemente se aposentou. Mas ele publicou uma tradução do código Lipit Ishtar, mas ele estava no museu há 60 ou 70 anos antes de ele aparecer.

O atual curador da língua acadiana do museu da Universidade da Pensilvânia diz que, com poucas exceções, os museus ocidentais ainda não acompanharam o fluxo de antiguidades. Seus porões e depósitos estão cheios de tesouros não descobertos no campo da Assiriologia. É claro que confiamos quase inteiramente em coleções existentes de tabuinhas cuneiformes, e não em novas escavações. Absorvemos uma percentagem tão pequena das centenas de milhares de tabletes nos museus que novas descobertas são quase rotineiras numa coleção de tabletes do tamanho da do museu universitário cada gaveta guarda uma surpresa o único problema que temos é qual gaveta abrir . Há um grande acúmulo de material. Devido à falta de financiamento e de conhecimento das pessoas que trabalham com esse material, há uma enorme quantidade dele que não foi examinada, embora tenha sido escavada.

Samuel Kramer foi professor de Sumeriologia na Universidade da Pensilvânia e estima que cerca de dez por cento dos aprox. 500.000 textos cuneiformes escavados já foram publicados. Esse é provavelmente um bom palpite: cerca de dez por cento do material escavado já foi publicado. Em Mari, uma cidade da Mesopotâmia perto da Babilônia, foram descobertos 25.000 textos e apenas 2.800 foram publicados. Das tabuinhas encontradas em Eshnuna entre 1930 e 1936, a maioria delas não foi publicada. As leis de Eshnuna foram publicadas, mas a maioria dos textos não. Leonard Woolley escavou em Ur, Ur dos Caldeus, no sul da Mesopotâmia, na década de 1930. A publicação ainda não está completa e continua em andamento. Portanto, devemos lembrar que apenas uma fração dos materiais e principalmente das inscrições produzidas pelas escavações foi publicada.

Os Círculos de Evidência de Yamauchi

Yamauchi diagrama esta situação desta forma. Ele fala no que chama de círculos de evidência. Ele o divide em três círculos de evidências. Você tem o texto bíblico ou teria o material literário, se não estiver falando sobre o texto bíblico, poderia estar falando sobre outros textos literários clássicos. Então você tem restos literários e restos materiais. Os achados arqueológicos são basicamente de dois tipos de restos materiais : edifícios, monumentos, cerâmicas, estátuas, coisas desse tipo e restos literários que seriam escritos em vários tipos de materiais, documentos legais, cartas, anais de tribunais, poemas, todos os tipos de literatura. restos. Algumas combinações possíveis, você pode ter material que é na maior parte o que você encontrará no texto bíblico que não é tocado por restos literários ou materiais, e você pode ter restos materiais ou literários que não têm corroboração externa de um dos os outros círculos de evidência. Então você pode ter uma sobreposição entre restos materiais e textos bíblicos. Alguma referência a um muro ou cidade ou algo assim. Você encontra isso em restos materiais e no texto bíblico. O mesmo com vestígios literários, você pode encontrar algum tipo de coisa escrita extra-bíblica que corrobora algo que está no texto bíblico, talvez de um rei assírio que disse ter recebido tributo de um rei israelita e o texto bíblico diz a mesma coisa. Onde você encontrará sobreposição de textos literários, materiais e bíblicos é relativamente raro. Agora, eles não são desenhados com a ideia de qualquer tipo de porcentagem exata, mas acho que o conceito é importante, e particularmente algo que é importante que você não espere uma sobreposição com a maior parte do material devido à natureza do evidência com a qual você está lidando. Então, para voltar ao ponto de partida, pela natureza da própria disciplina, teremos disponível apenas uma fração de uma fração de uma fração de uma fração da evidência potencial disponível que poderíamos desejar ter.

1. Dario, o Medo – Não é um procedimento válido presumir que uma declaração bíblica é suspeita se não encontrar corroboração em descobertas arqueológicas

Agora, com isso em mente, certamente não é um procedimento válido assumir que uma declaração bíblica é suspeita se não encontrar corroboração em descobertas arqueológicas. Não deveríamos esperar corroboração para tudo; na verdade, não deveríamos esperar corroboração. Um exemplo desse tipo de coisa que é mencionado com muita frequência é que no livro de Daniel você faz referência a Dario, o Medo. Não há corroboração extrabíblica de Dario, o Medo. A conclusão de muitos estudiosos críticos é que quem escreveu o livro de Daniel não conhecia sua história e que ela é imprecisa e que Dario, o medo, nunca existiu. Agora, exatamente quem era Dario, o Medo, recebeu várias sugestões, algumas sugerindo que é outro nome para Ciro, outras pensam que Ciro nomeou um governador. Existem várias propostas para isso, mas você vê que o princípio envolvido é que só porque não temos corroboração extra-bíblica para a existência de Dario, o Medo, não há razão para concluir que Dario, o Medo, não existiu. Yamauchi salienta que se tivéssemos que depender de evidências de inscrições para provar a historicidade de Pôncio Pilatos, teríamos que esperar até 1961, quando a primeira documentação epigráfica a seu respeito foi descoberta em Cesaréia. Portanto, não podemos tirar conclusões precipitadas sem corroborar que uma afirmação bíblica é suspeita. A primeira atestação epigráfica de Herodes, o Grande, foi descoberta em 1963-65. Quaisquer questões sobre “evidências arqueológicas de necessidade são de natureza muito fragmentária”. Você vê as implicações disso.

2. A interpretação das evidências arqueológicas é, em muitos casos, apenas provisória

Em segundo lugar, “a interpretação das evidências arqueológicas é, em muitos casos, apenas provisória”. Agora, penso que este é outro princípio muito importante, porque muitas vezes acontece que a interpretação de evidências arqueológicas está sujeita a revisão ou reinterpretação à luz de evidências adicionais. Isso significa que com a interpretação das evidências arqueológicas é preciso ter muito cuidado. É uma área onde a cautela é extremamente importante e acho que isso tem aplicação na área tanto no que diz respeito ao que certos críticos afirmam que mostra que a Bíblia é imprecisa ou historicamente não confiável a partir de evidências arqueológicas, bem

como aquelas coisas que estudiosos conservadores têm usado dizer prova a exatidão das Escrituras. Penso que o que devemos ter em mente aqui é que diferentes tipos de evidências arqueológicas devem ser lidos com diferentes graus de certeza no que diz respeito à sua interpretação. Existem diferentes tipos de evidências e interpretações das evidências, dependendo do tipo de evidência. Pode variar de duvidoso a possível, a provável, a certo, todo um espectro, dependendo da natureza da evidência. Agora algumas coisas podem ficar bem claras. Você pode obter uma declaração por escrito que deixa muito pouco para interpretação, pois é bastante claro o que diz. Mas você pode desenterrar algum edifício ou estrutura e não ter certeza do que é. Quando não tem nada escrito você não sabe exatamente qual é a data, não sabe exatamente quem construiu, não sabe exatamente qual era o propósito da coisa, tem que ter cuidado com a interpretação desse tipo de material.

Exemplo de 1 Reis 9:15, 19 – Estábulos/Armazéns de Salomão

Agora, para ilustrar que em 1 Reis 9:15 e 19 lemos o relato do trabalho forçado. 1 Reis 9:15, o rei Salomão foi recrutado para construir o templo do Senhor, seu próprio palácio, os terraços, o muro de Jerusalém e Hazor, Megido e Gezer. No versículo 19, você lê que ele construiu esses vários lugares e então também todas as suas cidades armazéns e as cidades para seus carros e cavalos. Tudo o que ele desejava construir em Jerusalém e no Líbano e em todo o território que ele governava. No capítulo 10, versículo 26, você lê “Salomão acumulou carros e cavalos. Ele tinha 1.400 carros e 12.000 cavalos, que mantinha nas cidades dos carros e também com ele em Jerusalém. O rei tornou a prata em Jerusalém tão comum quanto as pedras, o cedro tão abundante quanto os sicômoros no sopé das colinas, os cavalos de Salomão foram importados do Egito e de Que. Os mercadores reais os compraram de Que, importaram as carruagens do Egito por 600 siclos de prata e um cavalo por 150. Eles os exportaram para todos os reis dos hititas e dos arameus. Agora, o que descobrimos nesses textos é que Salomão negociava cavalos e carros. Ele parece ser um intermediário nesse comércio. E ele construiu seu próprio estabelecimento militar com carros e cavalos.

Megido foi um de seus importantes canteiros de obras. Você leu isso em 1 Reis 9:15. Megido também foi, como já observamos, um daqueles locais que foram cuidadosamente escavados pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago. Essas escavações começaram em 1925, com a ideia de poder descer todo o monte ou tel, como referi há poucos minutos. O que descobriram foi que na primeira camada havia ruínas da época dos impérios persa e babilônico. Isso está no topo, por volta do século VI aC. A segunda camada tinha evidências do domínio assírio, que seria por volta do século VIII. E então as camadas três e quatro foram o período israelita anterior à dominação assíria do Reino do Norte. Depois de vários anos de escavação, chegaram ao que concluíram ser a época de Salomão naquele período israelita. Nessa camada, encontraram os restos de alguns edifícios estranhos, cuja característica única eram fileiras de pilares de pedra. Você provavelmente já viu fotos disso em qualquer manual de arqueologia bíblica, essas fileiras de pilares de pedra com buracos perto do topo do pilar. O diretor da escavação chegou à conclusão de que os edifícios eram estábulos e que os pilares eram postes de atrelagem para os cavalos, que ao mesmo tempo serviam de suporte para telhados. Os buracos eram buracos através dos quais os cavalos podiam ser amarrados a esses pilares e ao mesmo tempo serviam de suporte do telhado. Agora, isso é frequentemente chamado de estábulo de Salomão em Megido, você o encontrará em quase todos os manuais arqueológicos. Diz-se que corroborou as cidades de carros de Salomão registradas em 1 Reis 9:19, o comércio de carros e cavalos de Salomão, em 1 Reis 10:26-29, e a operação de construção de Salomão em Megido em 1 Reis 9:15. Agora, o interessante é que hoje toda a tese está em questão por causa de uma reinterpretação das evidências em questão.

Em 1970, James Pritchard escreveu um artigo “A reavaliação estável do Megido na arqueologia do início do Oriente Próximo do século 20”. Ele, entre outras pessoas, revisou as evidências e abandonou a conclusão anterior com base em estudos mais aprofundados e em evidências mais completas. O motivo da mudança foi uma série de coisas, a primeira delas foi a datação do nível em questão por vários motivos que se tornam bastante técnicos. Pritchard e outros sentiram que o nível em questão pertencia à

época de Acabe e não à época de Salomão. Então você nem está falando sobre a época de Salomão. Você vê que está entrando nessa área de interpretação de evidências, é difícil. Além disso, Pritchard propôs que os edifícios não fossem estábulos com base em edifícios semelhantes encontrados em outros lugares. Ele concluiu que eram armazéns ou quartéis. Os buracos não tinham nada a ver com postes de amarração. Tinha a ver com o suporte estrutural da parte superior do edifício. Portanto, acho que essa é uma ilustração de por que devemos ter cuidado na interpretação de dados arqueológicos .

Em outro artigo, Pritchard diz, o segundo artigo de Pritchard, “Cultura e História na Bíblia e na Escola Moderna”, páginas 313 a 324, na página 315 desse artigo, Pritchard diz: “Raramente, ou nunca, julgamentos históricos emergem da base. Geralmente são deduzidos por arqueólogos a partir de evidências observadas. Objetos tangíveis como vasos, paredes, pisos, etc. só adquirem significado para a história na medida em que o contexto em que são encontrados pode ser controlado, identificado e relacionado a outros contextos pelo escavador e seu colega. Este processo de interpretação envolve opinião, bom senso e lógica. Lembrar estas variáveis humanas, os componentes de qualquer equação arqueológica, é proteger-se contra um autoritarismo injustificado.” Por outras palavras, o que ele está a dizer é que estas respostas a estas questões históricas simplesmente não surgem do chão. Os arqueólogos têm que trabalhar com o material e fazer julgamentos, suas opiniões entram em jogo, e há muitas conclusões provisórias que são tiradas e você tem que ter cuidado ao usar essas conclusões.

As minas de cobre de Salomão

Há outra ilustração de uma mudança na interpretação de uma descoberta bastante familiar da arqueologia no que diz respeito à corroboração do material bíblico. Este tem a ver com a descoberta do que é conhecido como minas de cobre e fornos de fundição de Salomão. No final da década de 1930, Nelson Glueck explorou a área ao sul do Mar Morto, perto de Eziongeber . Eziongeber fica bem na costa do braço norte do Mar Vermelho, perto das cidades de Aqabah ou Elat . O que ele descobriu ali foi que naquele

território havia ricos veios de cobre e minério de ferro. Ele descobriu que esse minério foi extraído durante a época de Salomão e até mais tarde. Ele encontrou restos de moldes de cobre, escórias de cobre, por toda aquela área perto de Eziongeber . Glueck esperava encontrar ali ruínas do porto marítimo de Salomão. Se você olhar 1 Reis 9:26, você lê que o Rei Salomão construiu navios em Eziongeber , que fica perto de Elath, na costa do Mar Vermelho. Hirão, do Líbano, enviou seus homens, marinheiros, ao mar para servir na frota com Salomão. Ele procurava algum tipo de evidência da marinha que Salomão havia estabelecido ali em Eziongeber . Ele não encontrou. Mas ele encontrou o que pensava ser uma fornalha de fundição ou uma refinaria. Mesmo que ele não tenha encontrado evidências de um porto marítimo lá, é razoável concluir que Salomão estava envolvido na fundição de cobre e talvez ele estivesse usando a fundição de cobre em seu comércio para trazer coisas de volta e depois levá-las através do deserto para Jerusalém, mas nós Falaremos sobre isso mais tarde. Mas o que ele pensava ser a fornalha de fundição parece ter sido outra coisa também. Reinterpretação de evidências. Mas veremos mais detalhes sobre isso amanhã.

Transcrito por: Jordan Alexandra, Jeff Brown, Connor Graff, Jimmy Newell e

Ian Kenechte , editor do grupo Ted Hildebrandt

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final por Rachel Ashley

Renarrado por Ted Hildebrandt